

Um imperador entre a espada e a pena: dois aspectos de Juliano César na Gália (355-360)

An emperor between the sword and the quill: two aspects of Julian Caesar in Gaul (355-360)

Gabriel Requia Gabbardo*

Resumo: Muito da fama de bom governante do imperador romano Juliano, dito “o Apóstata” (355-363), tem origem na sua capacidade como chefe militar. Durante seu período como César na Gália (355-360), conteve de maneira eficaz as invasões dos *Alamanni*. É comum creditar seu sucesso às suas habilidades militares. O presente artigo versará sobre como o sucesso de Juliano também se deveu a dois outros fatores: a sua perambulação militar por terras gálicas, que atraía a atenção e aprovação de seus súditos; e a publicação de uma pequena obra sobre a batalha de *Argentoratum*, o seu maior sucesso militar.

Abstract: Much of the reputation of the Roman emperor Julian, known as ‘the Apostate’ (355–363), as a good ruler derives from his competence as a military commander. During his tenure as Caesar in Gaul (355–360), he effectively contained the invasions of the *Alamanni*. His success is commonly attributed to his military skills. This article will argue that Julian’s achievements also owed much to two other factors: his military perambulation through Gallic territories, which drew the attention and approval of his subjects, and the publication of a brief work on the Battle of *Argentoratum*, his greatest military triumph.

Palavras-chave:

Juliano Augusto;
Amiano Marcelino;
guerras gálicas.

Keywords:

Julian Augustus;
Ammianus
Marcellinus;
Gallic wars.

Recebido em: 20/07/2025
Aprovado em: 10/12/2025

* Doutor em Classics pela University of St Andrews. Atualmente faz seu pós-doutorado em História Antiga na Unesp (Campus Franca). Pesquisador colaborador do Leca (Unipampa).

A década de 350 começava com uma crise no Ocidente do Império Romano. O imperador Constante (337-350) fora morto por um usurpador, Magnêncio; o seu irmão e co-imperador, Constâncio II (337-361),¹ travou uma sangrenta guerra civil contra ele, que terminou em 354 com a Gália em um estado bastante instável, com povos bárbaros violando o *limes* romano. Um César² havia sido designado para governar o Oriente, o (meio)primo de Constâncio, Galo (351-354), mas a sua incompetência e sanguinolência o levaram a ser executado. Retornando ao Oriente, dadas as preocupações com o Império Persa, Constâncio decidiu elevar o seu único parente masculino sobrevivente, Juliano, à posição de César (355-360).

Era uma cartada algo arriscada, talvez desesperada. Constantino morreu em 337. Aparentemente, imaginava que seus filhos reinariam como Augustos, enquanto os membros de sua família estendida governariam como Césares. Estes filhos, Constâncio à frente, tinham outras ideias; todos os ramos colaterais da família constantiniana foram sistematicamente massacrados, sendo os únicos poupados Galo e Juliano, o primeiro por estar muito doente, o segundo por ser muito novo (Burgess, 2008).

A própria necessidade de se apelar a estes primos indicava algo errado. Os filhos de Constantino, em 337, pareciam deixar esperanças firmes para uma continuidade dinástica, mas Constantino II e Constante morreram sem deixar filhos, e Constâncio II não tinha herdeiros. Os filhos de Júlio Constâncio, meio-irmão de Constantino executado em 337, podiam guardar um justificado ressentimento para com seu Augusto. Para piorar a situação, havia um dado que Constâncio não sabia: Juliano havia se convertido, de maneira oculta, ao paganismo, abandonando a radical conversão de seu tio e seus primos ao cristianismo.

Mesmo desconhecendo esse fator, tendo em vista o quadro de crescentes usurpações militares no Império Romano dos séculos III e IV, o novo César, imaginava-se, seria governado com rédeas curtas: até então, se dedicara tão somente aos estudos filosóficos em Atenas e Constantinopla, e a necessidade de vitórias militares na Gália implicaria a sua funcional subjugação aos comandados de Constâncio. Para estupefação geral (e talvez inclusive de si próprio), Juliano demonstrou ser um general hábil já em seus primeiros anos de governo.

Quaisquer desconfianças que Constâncio e sua corte podiam ter em relação ao novo César foram amplificadas pela nova situação política que se estabeleceu logo após a marcante visita triunfal do Augusto a Roma, em 357. Quando Juliano compôs o

¹ Doravante abandonaremos o numeral quando nos referirmos a este personagem.

² A partir de Diocleciano (284-305), o Império Romano passou a ter mais de um imperador, os Augustos, que tinham todas as prerrogativas do poder imperial, e os Césares, uma posição subordinada à dos primeiros (Jones, 1964, p. 322-323).

seu *Primeiro Panegírico a Constâncio II* (Juliano, *Oração I*), ele ainda era um governante novato. Poucos meses depois, venceu a batalha de *Argentoratum*, uma batalha que havia sido travada contra seu desejo (Amiano Marcelino, *Res Gestae*, XVI, 12, 9-15). Nenhum imperador romano vencera inimigos externos de maneira tão esmagadora desde a expedição de Diocleciano contra os Sassânida, mais de cinquenta anos antes. O César neófito se tornou, definitivamente, o “jovem guerreiro” de Amiano (Am. Marc., *RG* XVII, 1, 1). Constâncio estava agora mais desconfiado de seu pretense títire, e seus ouvidos mais dispostos a escutar calúnias disparadas contra Juliano (Am. Marc., *RG* XVI, 12, 67-70). Mesmo o eunuco Eutério, personagem de confiança do Augusto, não conseguiu demovê-lo de sua – desconfiança? Inveja? Justificada prudência? – contra Juliano (Am. Marc., *RG* XVI, 7, 1-3).

O confronto entre os dois imperadores ainda estava distante alguns anos, mas a sua relação estava começando a se deteriorar. Em poucos anos, Juliano colocou em movimento os eventos que lhe deram o título de Augusto, numa ousada empreitada (Am. Marc., *RG* XX, 4; seria exagero ou anacronismo vê-la como um “autogolpe”?). Que Juliano assim o desejava é fácil de se imaginar. Mas, por que os soldados o alçaram (literalmente: Am. Marc., *RG* XX, 4, 17, é a primeira menção a um imperador romano sendo erguido em um escudo durante sua aclamação) à posição de Augusto? A resposta fácil seria que “Juliano foi um general bem-sucedido” e, portanto, um *imperador* bem-sucedido (Hebblewhite, 2016; à página 20, é mencionada a “decisiva liderança militar” de Juliano). Essa é uma afirmação verdadeira, mas um tanto quanto banal, embora seja difícil ir além dela.

Nossas únicas fontes de algum porte para as operações militares de Juliano, na Gália, são Amiano e Zósimo, e o corte geográfico das inscrições de seu reinado como César é bastante exíguo. Das 192 inscrições coletadas por Conti, apenas dezenove se situam no período de Juliano como César, e a situação não é muito diferente em relação à sua correspondência. Apenas seis cartas podem ser precisamente datadas à Gália, e a última foi composta enquanto ele já estava se preparando para atacar Constâncio.³

Pode ser demonstrado, contudo, que Juliano cumpriu de maneira magistral uma expectativa estrutural: a de que imperadores romanos se movimentassem. Nem Constâncio ou seu irmão Galo conseguiram cumpri-la. Em marcante contraste com seus predecessores e sucessores, o imperador romano típico do final do século III e do século IV estava quase sempre em movimento. Esse processo começou com os imperadores danubianos da época pós-Galieno (253-268), como Cláudio II (268-270) e Aureliano (270-

³ São as cartas 1-6, na numeração de Wright (1913-1923). Vide Carvalho e Alves (2021).

275), mas foi Diocleciano que realmente estabeleceu esse modelo. Somente em 290 ele saiu de *Sirmium* para a Síria e retornou, e então se dirigiu a Milão, cobrindo cerca de 5.500 quilômetros no total (Rees, 2002, p. 1). Constantino se rebelou em York, estabeleceu sua capital em Constantinopla e morreu em Nicomédia. Constâncio II viajou da Mesopotâmia para Milão e Roma, e fez o caminho de volta. O próprio Juliano enfrentou inimigos no Reno e morreu na Mesopotâmia. Poucos governantes de sociedades pré-industriais sedentárias seriam capazes, ou desejosos, de cruzar distâncias tão vastas.

A situação na Gália quando Juliano se tornou César, em Milão, era problemática, para dizer o mínimo, mas essa instabilidade permitiu que ele criasse uma base de apoio para suas ambições políticas. Galo também enfrentara alguns desafios militares, que nos chegaram muito acidentalmente por meio de exíguas fontes. Mas outros lideraram os exércitos por ele, que jamais deixou Antioquia (Jerônimo, *Chronicon*, 238; Filostórgio, *História Eclesiástica*, III, 28). Juliano se comportou de maneira exatamente oposta. Ele foi acompanhado por Constâncio de Milão até um ponto entre Laumello e Pávia. De lá, ele se dirigiu a Turim, onde lhe foi informado que a *Colonia Agrippina* (atual Köln) havia caído nas mãos dos bárbaros. De lá, ele rapidamente chegou a Vienne. Lá, a sua cerimônia de *adventus* foi um sucesso significativo: “e em sua vinda ela [a população de Vienne] colocou a solução dos desastres comuns, imaginando que um gênio salutar havia brilhado sobre sua condição desesperada” (Am. Marc., *RG XV*, 8, 21).⁴

Na próxima vez em que Juliano aparece na obra de Amiano, ele derrota os *Alamanni*. Mas como ele o faz, e como é visto o fazendo, é importante. Considere-se suas ações entre sua elevação como César e a batalha de *Argentoratum* (atual Estrasburgo). Após permanecer em Vienne para o inverno, ele se dirigiu à cidade de *Augustodunum* (Autun), interrompendo um cerco dos bárbaros àquela cidade. Se dirigiu então a Tricasinus (Troyes), usando apenas a rota mais rápida, mas também mais perigosa, tendo como companhia apenas *cataphractarii* e *ballistarii*, de maneira a evitar qualquer atraso ou demora. Sua chegada foi tão veloz e inesperada que a cidade só permitiu a entrada do César após alguma deliberação. Depois de um curto período de descanso, Juliano foi para *Remi* (Rheims), onde um grande contingente de tropas romanas estava se formando. Ele se dirigiu contra um exército bárbaro em torno da atual Dieuze. Após descobrir que muitas cidades haviam sido tomadas, ele recapturou *Brotomagus* (Brumath). O mesmo aconteceu com Köln, após uma curta negociação com autoridades francas. Passou o inverno em *Senones* (Sens), onde um exército *Alamanni* o cercou. O cerco foi levantado,

⁴ *communiumque remedium aerumnarum in eius locabat adventu, salutarem quendam genium adfulsisse conclamatis negotiis arbitrata.*

e Juliano logo retornou a *Remi* (Rheims). Após mandar um grupo de cavalaria leve para atrapalhar um *raid* contra *Lugdunum* (Lyons), comandou uma expedição punitiva contra alguns *Alamanni* que haviam se estabelecido em algumas ilhazinhas no Reno. Passou então a comandar os reparos de uma fortaleza em *Tres Tabernae* (Saverne). Foi essa operação que convenceu os reis dos *Alamanni*, de maneira fatal, a concentrar suas forças em um único lugar, uma vez que tinham imaginado que o César havia, na verdade, fugido; a batalha de *Argentoratum*, uma vitória esmagadora de Juliano, estava para começar (Am. Marc., RG XVI, 2-4; XVI, 11).

Deve-se perceber que o parágrafo anterior contém escassas informações ou detalhes militares. Obviamente, o que se segue não importaria se Juliano não fosse, também, um general capaz. Contudo, a impressão de um *dinamismo* da parte de Juliano é forte, mesmo quando ele só pode ser acessado através de uma narrativa histórica que não se foca, de maneira especial, nesse ponto. O impacto que ele teve nos soldados era evidente. As distâncias cobertas por Juliano eram significativas: Milão está a 450 km de Vienne, Rheims mais outros 500 km daquela cidade. Essas distâncias (modernas, aliás; as rotas antigas podiam abranger distâncias maiores) não eram tão imensas quanto as que Diocleciano completou em 290, como referenciado acima, mas Diocleciano não estava aquartelando tropas, ou sob cerco. Juliano, de maneira importante, estava derrotando seus inimigos. Tão importante quanto, estava se movimentando por todo o leste da Gália – e sendo visto o fazendo. Após a esmagadora vitória de *Argentoratum*, o César se dirigiu a Mayence, desejando cruzar o Reno,

mas os protestos do exército se opuseram contra ele. Contudo, por causa de sua eloquência e beleza de sua linguagem, ele os convenceu e os converteu para a sua vontade. Pois sua afeição, mais profunda depois de suas experiências com ele [Juliano], os levou a seguir de livre e espontânea vontade alguém que era um camarada em todos os feitos, um líder de prestígio brilhante, e que estava acostumado a se autoprescrever mais esforço e sofrimento para si mesmo do que para o soldado comum, como era óbvio. E tão logo eles chegaram no lugar acima mencionado, eles cruzaram o rio nas pontes que haviam feito, e tomaram posse da terra do inimigo (Am. Marc., RG XVI, 1, 2).⁵

A comparação com Constâncio é instrutiva. Após sua entrada triunfal em Roma, o Augusto passou o inverno em *Sirmium*, no final de 357. Ele permaneceu ali por alguns meses. Na primavera de 358, ele atacou os sármatas, os *Quadi* e os *Limigantes*. A sua vitória também foi significativa (Am. Marc., RG XVII, 12-13), mas seu oponente era mais

⁵ *Refragante vetabatur exercitu: verum facundia iucunditateque sermonum allectum in voluntatem traduxerat suam. Amor enim post documenta flagrantior sequi libenter hortatus est omnis operae conturmalem, auctoritate magnificum ducem, plus laboris indicere sibi quam militi, sicut perspicue contigit, adsuetum. Moxque ad locum praedictum est ventum, flumine pontibus constratis transmisso occupavere terras hostiles.*

fraco que aquele que Juliano enfrentou (os *Alamanni* estavam mais ou menos unidos sob o rei Chnodomar, enquanto os inimigos de Constâncio sofreram significativas divisões internas). Essa expedição durou apenas dois meses; em junho, Constâncio estava de novo em *Sirmium*. Constâncio não era um imperador preguiçoso, mas o fato é que enquanto Juliano fazia um *Tour de Gaule*, o Augusto parecia não sair de *Sirmium*. E havia outros momentos em que Constâncio se dera mal no requisito de “movimento”. Na batalha de Singara, tão obscura que é incerta se foi travada em 343 ou 344, o exército romano havia repellido os persas, que então recuaram. Se os persas estavam apenas fingindo recuar não importa aqui: Constâncio foi incapaz de convencer seus entusiasmados soldados a não partir em perseguição, perseguição esta que se revelou uma sangrenta armadilha para os romanos. Tanto Juliano quanto Libânio tentam embelezar a batalha (Jul., *Or.*, I, 23C-25B, Libânio, *Oratio*, LIX, 99), mas as baixas sofridas pelo exército poderiam sustentar o julgamento de Eutrópio:

Nem teve ele [Constâncio] um único confronto bem-sucedido contra Sapor, com exceção de Singara, onde a vitória poderia certamente ser dele, mas ele a perdeu, através do irreprimível afã de seus homens, os quais, de maneira contrária à prática da guerra, de maneira rebelde e tola pediram para continuar a luta quando o dia estava acabando (Eutrópio, *Breviarum Ab Urbe Condita*, X, 10, 10).⁶

Para Constâncio, a situação iria piorar, justamente no momento em que Juliano conseguia seus sucessos na Gália. Enquanto o Augusto derrotava um inimigo dividido nos Bálcãs, o rei persa Sapor cercou e saqueou a cidade de Amida. O próprio Amiano lutou durante seu cerco, e escapou por um triz. As passagens em que ele comenta esse cerco e fuga são um ponto alto de sua obra, e talvez sejam um ponto alto de toda a historiografia antiga.⁷ Constâncio se viu forçado a deixar *Sirmium* e se dirigir ao Leste, onde, no final de 359, o encontramos em Constantinopla. Seu oponente também se mantivera ocupado, capturando Singara e Bezabde (Am. Marc., *RG XX*, 6-7). A tentativa de Constâncio de retomar essas praças-fortes foi um fracasso. Em marcante contraste com os sucessos e energia de Juliano na Gália, a presença do Augusto no campo de batalha não galvanizou as tropas romanas. O ataque de Constâncio contra Bezabde terminou em fracasso, graças ao tempo pouco propício a um cerco, e um desanimado imperador se viu forçado a se retirar para Antioquia no final de 360 (Am. Marc., *RG XX*, 11). Para completar o quadro de

⁶ *nullumque ei contra Saporem prosperum proelium fuit, nisi quod apud Singara haud dubiam victoriam ferocia militum amisit, qui pugnam seditiose et stolidè contra rationem belli die iam praecipiti poposcerunt.*

⁷ Quase todo o livro 19 de Amiano trata deste cerco. Matthews (1989, p. 46) chama este livro de “um dos pontos altos de sua história (de fato, de toda escrita histórica em latim)”; é de se perguntar se é necessário o “latim” nesta frase. Ver também Lenski (2007).

dor, Úrsulo, o seu *comes sacrarum largitionum*,⁸ de maneira profundamente insensível, lamentou a falta de combatividade dos soldados romanos quando viu as ruínas de Amida (Am. Marc., RG XX, 11, 5).⁹

Fatores militares certamente se impuseram aos imperadores. No caso de Constâncio, a destruição de Amida foi tão ruínosa para o exército de Sapor quanto para os defensores romanos. Para além do custo significativo em termos de vidas de soldados, o rei persa havia gastado toda uma temporada cercado apenas uma cidade, perdendo um precioso tempo no processo (Barnes, 1998, p. 136-138; Syv  nne, 2015, p. 361-370). Por mais poderosos que os reis dos *Alamanni* fossem, eles simplesmente não podiam agregar a quantidade de recursos que os sassânidas dispunham (algo que Juliano viria a descobrir, de maneira bastante desagradável, durante a expedi  o que lhe custou a vida). O tempo estava além do controle de Constâncio; e se um tempo menos úmido permitisse que ele recuperasse Bezabde? A insensibilidade de   rsulo pode não ter sido partilhada pelo imperador (que pode, inclusive, para fins de argumento, ter reclamado da imprudência de seu subordinado). E, por outro lado, as incursões dos *Alamanni*, e mesmo as suas derrotas, podem (para fins de argumento, novamente) não ter sido tão impressionantes assim, em termos militares. Mas estes fatores eram de pouca monta quando contemporâneos concebiam as imagens públicas dos dois imperadores. Juliano era alvo de tamanha afei  o por parte de seus homens que eles se dispuseram a morrer por ele em um conflito civil; Constâncio enfrentou tantos reveses contra os persas que Amiano chegou a dizer que as próprias estrelas estavam contra ele (Am. Marc., RG XX, 11, 32).

Os efeitos destas memórias, construídas em torno do sucesso de Juliano em criar sua própria imagem pública vis-à-vis a de Constâncio, permaneceu. Escrevendo uns trinta anos após a morte de Juliano, Amiano estava mais do que disposto a defender o gênio bélico de seu herói contra os detratores – isto apesar do claro fato de que sua expedi  o contra os persas não havia sido apenas a sua perdi  o pessoal, como também uma catástrofe militar (Am. Marc., RG XXV, 4, 23; Carvalho 1996).

Como Timothy Barnes afirmou, a política militar de Constâncio, no Leste, foi um genuíno sucesso (Barnes, 1998, p. 136-138; Blockley, 1989). Esse sucesso tinha seus problemas, tendo em vista que “a estratégia de Constâncio, enquanto conspicuamente bem-sucedida em negar aos persas seu objetivo de controlar o leste da Mesopotâmia,

⁸ Este funcionário do império estava encarregado, dentre outras funções menores, de controlar a cunhagem de moedas imperiais (Jones, 1964, p. 427-438).

⁹ Essa afirma  o singularmente inapropriada e impensada custou a vida de seu autor. Quando Juliano se tornou Augusto, os aliados de Constâncio passaram por julgamentos sum  rios em Calcedônia.   rsulo havia ajudado Juliano anteriormente, mas o ressentimento algo justificável dos soldados falou mais alto, e o *comes* foi executado (Am. Marc., RG XXII, 3, 7).

não se destinava a gerar vitórias glamurosas” (Hunt, 1998, p. 13). A presença de um imperador em batalha gerava este glamour, glamour este que Constâncio, em prejuízo próprio, não buscou. Isso aparece numa fonte tão breve quanto o *Breviarium* de Festo: ali, um dos dados básicos listados pelo autor era que de nove batalhas campais travadas contra os persas, Constâncio só estava presente em duas delas (Festo, *Breviarium*, 27, onde Constâncio faz boa figura contra os persas). O comandante militar prudente e cauteloso (que, aliás, morreu de causas naturais) podia ser visto como pusilânime. O imperador ativo e entusiasmado (que se moveu de maneira enérgica à direção de sua própria morte) se tornou um herói conquistador.¹⁰ Os sucessos de Juliano em construir sua própria imagem como líder militar se tornam ainda mais impactantes quando consideramos algumas estatísticas dadas por Amiano.¹¹

O brutal cerco de Amida, que causou tanto dano na imagem de Constâncio, custou a vida de nada menos do que trinta mil de seus inimigos persas (Am. Marc., *RG* XIX, 9, 9). Esse número era mais ou menos a *totalidade* das forças dos *Alamanni* durante a batalha de *Argentoratum* (Am. Marc., *RG* XVI, 12, 26). Ainda mais importante, a batalha de Adrianópolis, apresentada como a maior catástrofe militar romana, depois de *Cannae* (Am. Marc., *RG* XXXI, 13, 19),¹² custou aos romanos vinte mil soldados. As perdas persas em Amida foram esmagadoras, portanto, de acordo com o próprio relato do historiador – e o ânimo anti-Constâncio que move Amiano aparece aqui também, pois ele apresenta as baixas como um tormento no coração do rei persa, não como um resultado obtido pela inteligência dos planos militares do imperador romano (Am. Marc., *RG* XVI, 9, 9).¹³

Juliano se tornou uma lenda militar não apenas graças a seus próprios esforços. Jogado ao poder por Constâncio, ele se tornou (primeiramente por necessidade, depois talvez por escolha) um imperador que combatia no campo de batalha. A maioria dos sucessores de Juliano não seguiram esse modelo de comportamento. As mortes de Juliano e, depois dele, de Valente (em 378), em batalha, inspiraram uma práxis militar mais prudente por parte dos imperadores romanos. Mesmo vistos sob a ótica de “imperadores que combatem no campo de batalha”, Constâncio obtivera consideráveis sucessos militares,

¹⁰ O contraste pode ser medido mesmo pela melhor historiografia moderna. Omissi (2018, p. 203) apresenta Juliano como um herói militar ativo, em marcante contraste com Constâncio, que estava, à época, “passeando por aí [*swanning about*] nos territórios dos sármatas e dos Quadi no Danúbio (não lutando, mas meramente conversando com seus reis)”.

¹¹ Os dados de mortes listados aqui devem – como todas as estatísticas vindas da antiguidade – ser tratadas com cautela extrema, mas o argumento apresentado aqui depende da apresentação de Amiano destas mortes, e não de sua precisão ou factualidade.

¹² Proporcionalmente, Adrianópolis foi mais custosa aos romanos do que Amida foi aos persas (uma taxa de baixas de 66%, comparadas com 30%), mas o argumento permanece.

¹³ Barnes (1998, p. 137) afirma que, segundo Festo, as perdas persas sempre eram maiores que as dos romanos nesses conflitos, mas o cronista se refere apenas aos cercos de Nisíbis (Fest., *Brev.*, 27).

e sob a posterior ótica, mais cautelosa, seus sucessos se tornariam hipoteticamente mais bem vistos (para o sucesso das campanhas no Danúbio de Constâncio, Szidat, 1972). Podemos ver os contornos da delegação do poder militar para um comandante subordinado de um Teodósio II ou de um Justiniano na estratégia militar de Constâncio. O modelo de um imperador que não comandava um exército se internalizou na sociedade tardo-imperial romana, no mais tardar durante o século VI.¹⁴ Era a distinta desgraça de Constâncio que mesmo uma versão mais *light* deste modelo era inaceitável para seus próprios contemporâneos.

O *Biblidion* de Juliano

Foi nesse contexto que Juliano provavelmente compôs sua obra sobre a batalha de *Argentoratum*. De acordo com Eunápio, Juliano dedicou um opúsculo (*biblidion*) a este combate, e aqueles que desejassem se informar sobre esta vitória deviam apenas ler este opúsculo (Eunápio, *Fragmenta*, 17).

Essa obra está perdida. Não temos nenhuma maneira de datá-la precisamente, mas foi presumivelmente composta antes que Juliano se tornasse Augusto, e com quase toda a certeza antes da morte de Constâncio. Como único imperador, ele teria outras maneiras de propagar suas próprias virtudes. Além disso, o paralelo fácil, porém superficial, com a *Guerra Gálica*, de Júlio César, se tornaria ainda mais significativa se a obra fosse composta – ou, pelo menos, se se acreditasse que a obra havia sido composta – durante o tempo de Juliano na Gália.

Podemos aprender várias coisas da passagem de Eunápio, e da descrição de Amiano da batalha de *Argentoratum*.¹⁵ Alguns trechos da “pequena obra” de Juliano devem ter sido usados por Amiano. Alan Ross (2016, p. 129-130) recentemente afirmou que “o método de Eunápio [da narrativa como um paratexto da obra de Juliano] não foi adotado por Amiano [...] Amiano narra a batalha de *Argentoratum* numa escala que marca o episódio como uma cena de destaque, sem qualquer referência a uma tradição paralela”. Aqui Ross comete um raro engano, tendo em vista que a pequena obra de Juliano é, em si mesma, uma “tradição paralela”, mesmo se se duvidar da presente hipótese, negando o seu uso por Amiano. A existência desta tradição pode explicar o nível extraordinário de detalhes da descrição do historiador desta batalha. É instrutivo

¹⁴ Mesmo a *História Secreta* de Procópio não critica Justiniano por nunca comandar um exército em pessoa – isto numa obra em que o imperador e sua esposa são literalmente tratados como demônios (Procópio, *Anekdotai*, XVIII, 1).

¹⁵ Tomo como dado que Amiano usou Eunápio como fonte no que se segue (Chalmers, 1960).

comparar este detalhamento com a brevíssima descrição dos eventos da batalha de Adrianópolis (Am. Marc., RG XXXI, 12-13).¹⁶

O conteúdo desta pequena obra pode ser apenas alvo de suposições. Por acaso ele apresentou o cauteloso Juliano visto na obra de Amiano, levado à sua maior vitória não por causa de seu planejamento, mas por causa da pressão que seus soldados colocaram em cima dele?¹⁷ Impossível dizer, mas o que temos é suficiente para tirarmos conclusões importantes. A primeira é que Juliano compôs em grego. Eunápio simplesmente direciona seus leitores àquela obra, ao passo que Amiano simplesmente não faz referência a ela. A segunda inferência é que, de forma algo paradoxal, a memória da vitória de Juliano estava minguando na parte ocidental do Império. A não-menção de Amiano desta obra não indica que ela não foi usada,¹⁸ mas indica sim que ela era desconhecida de um público latino, isto na própria Roma. Isso tem consequências vitais para nossa visão de Juliano, e como ele construiu a sua figura pública. Ele comunicou-se de diversas maneiras como escritor quando se tornou Augusto, seja filosofando (através de seus hinos religiosos), condenando (com suas obras contra os cínicos e cristãos) e satirizando (com o seu famoso *Misopogon*). Contudo, quando ele se comunicou em latim, devemos assumir que havia uma burocracia por trás desta composição, ou pelo menos um tradutor (Harries, 2012, p. 124-127).

Esse desdém pela comunicação em latim (ou incapacidade de realizá-la) ajuda a explicar um singular traço de sua memória. As paixões que Juliano inspirou eram predominantemente orientais. Enquanto Gregório Nazianzeno gastou duas orações inteiras castigando Juliano (Gregório Nazianzeno, *Orationes*, 4-5), Jerônimo menciona brevemente o Apóstata, de maneira um tanto quanto tranquila – algo que raramente pode ser dito sobre um escritor notavelmente belicoso, quiçá mesmo histérico (Jerônimo, *Chr.*, 242C). Cirilo de Alexandria considerou apropriado escrever uma obra intitulada *Contra Juliano* durante os anos 430; seu contemporâneo mais velho, Agostinho, escreveu quase nada sobre Juliano, “o Apóstata”, e livros inteiros polemizando contra um outro Juliano mais importante a seus olhos, o pelagiano Juliano de *Eclanum*, mesmo o *Contra os*

¹⁶ Para uma visão contrária, consultar Ross (2016, p. 129-131). A posição de Ross de que Amiano não usou o *bibliidion* depende de dois pontos: a) Amiano não revelou o seu uso desta fonte; b) que o fim da narração dos eventos de *Argentoratum* “exclui o todo da tradição grega”. A) é uma *petitio principii*, que impõe a Amiano a excepcional franqueza de Eunápio sobre suas fontes, muito rara em historiadores antigos; e b) lê a frase “[os feitos gloriosos de Juliano] seriam enterrados em esquecimento, não fosse a fama incapaz de suprimir seus feitos esplêndidos, não importando quantas pessoas tentassem os obscurecer” de maneira teleológica e anacrônica. O “esquecimento” não se refere à falta de uma tradição textual ademais existente, mas aos esforços de Constâncio e de sua corte de diminuir os feitos do César.

¹⁷ Para complicar, a decisão dos soldados de avançar contra os inimigos, apesar da reticência de seu líder, é apresentada em Amiano através de uma série de discursos, certamente compostos pelo próprio historiador.

¹⁸ Eunápio, fr. 17, uma “afirmação metodológica”, nas palavras de Ross (2016, p. 128), é um trecho quase único na historiografia antiga na sua franqueza sobre o uso de fontes.

Donatistas de Optato se importava menos com o “Apóstata” do que com sua abominável aliança com os donatistas. Com sua inabilidade de se comunicar em latim literário, e/ou com seu desinteresse pelo assunto, a figura pública de Juliano Augusto no Ocidente se tornou uma vaga memória, uma breve geração após sua morte. Desapareceu não muito tempo depois que a memória de sua vitória na Gália também havia se dissipado.¹⁹

Outra inferência que podemos tirar é que o *biblidion* de Juliano estava circulando de maneira ampla o suficiente entre os falantes de grego que Eunápio podia agir de maneira um tanto quanto desleixada: o acesso a esta obra era simplesmente um dado. Claramente, Juliano sentiu a necessidade de divulgar seu sucesso militar mais acachapante, e apresentá-lo como *seu* sucesso, para regiões onde novas sobre essa batalha podiam chegar atrasadas, distorcidas, ou talvez mesmo deturpadas por Constâncio. É impossível, infelizmente, datar a obra, mas é possível imaginar que ela só circulou efetivamente após a morte de Constâncio. É difícil imaginar que aquele imperador um tanto quanto paranoico e ciumento dando seu apoio à circulação em massa desta pequena obra.²⁰ Os habitantes da parte ocidental do Império já estavam a par da natureza das vitórias do César. A legitimidade que estas vitórias deram a Juliano era suficiente para permitir que ele se tornasse uma verdadeira ameaça contra Constâncio, enquanto usurpador. A morte súbita do Augusto fez com que mesmo aqueles que se mostraram inicialmente refratários ao empreendimento de Juliano, como o Senado romano, passassem a apoiá-lo, devido ao próprio desenrolar dos acontecimentos.

O estranho e inesperado acidente da morte natural de Constâncio antes de seu confronto direto com Juliano roubou este último de uma fonte vital de legitimidade: a vitória militar numa guerra civil (Omissi, 2018, p. 3-40), é a melhor introdução para o tema da legitimidade do poder imperial romano). As consequências foram enormes, e poderiam ser tema de outro artigo. Aqui, cabe apenas destacar que a circulação ampla do *biblidion*, que podemos vislumbrar graças a Eunápio, era certamente uma forma pela qual Juliano tentou lidar com essa crise de legitimidade.

Sua individualidade transparece através de sua escolha de mídia. O sucesso militar imperial podia ser apresentado na cunhagem de moeda. O crédito pela vitória de *Argentoratum* foi dividido igualmente entre Juliano e Constâncio logo após a batalha, e mesmo pouco antes da guerra civil as *siliquae* de Lyons “mostram dois imperadores em

¹⁹ A comparação com Constâncio Cloro, cujas campanhas contra os *Alamanni* foram celebradas quase que imediatamente em Niceia (Schneider; Karnapp, 1938, p. 21), é instrutiva. As exceções a esse desinteresse geral por Juliano no ocidente são Amiano (ele próprio vindo do leste grego) e as epítomes.

²⁰ Necessário também destacar que as ações posteriores de Juliano fizeram por justificar a desconfiança de Constâncio.

harmonia institucional e militar” (Sánchez, 2012, p. 166-171).²¹ Mas uma obra literária escrita pela pena do próprio imperador podia se focar na sua própria excelência.

Podemos ver, de relance, algumas das escolhas de autorrepresentação por parte de Juliano no relato de Amiano sobre *Argentoratum*. A virtude chave apresentada aqui é a *recusatio*. O César foi prudente, talvez excessivamente cauteloso, antes da batalha, sendo forçado ao combate pelo entusiasmo da soldadesca. Essa anedota, um tanto quanto depreciativa para Juliano à primeira vista, pode indicar não um conflito entre o imperador e suas tropas (ao contrário do que afirma (Matthews, 1989, p. 92): “[a batalha] travou-se em circunstâncias nas quais ele [Juliano] foi sobreposto por seus conselheiros”, mas uma apresentação um tanto quanto idiossincrática da virtude muito romana da *recusatio* (sobre esta virtude, Omissi, 2018, p. 25). A prudência de Juliano é *decorosa*. O desacordo dos soldados não é um princípio de motim ou uma imposição direta em oposição ao imperador e sua autoridade, mas é sim a prova real de sua virtude militar. Amiano nos fala de uma “espécie de gênio salutar” – *salutaris quidam genius praesens* – que foi responsável por esta “imposição” (Am. Marc., RG XVI, 12, 13). Após a batalha, de acordo com Amiano, os soldados de fato embarcaram em um comportamento profundamente amotinado, proclamando seu César como um novo Augusto. Juliano os reprimiu, afirmando que esta honra estava além de seu desejo ou expectativa – uma representação clássica de *recusatio*, e em alguma medida uma grande mentira.

Se Juliano usou o *biblidion* para demonstrar sua *recusatio* ou não, ou se Amiano baseou seu relato de *Argentoratum* neste *biblidion* ou não, é importante também destacar a natureza desta obra. As palavras de Ruiz e Bouffartigue sobre a excepcionalidade de Juliano se aplicam perfeitamente a este caso (García-Ruiz, 2018, p. 204; Bouffartigue, 1978, p. 16). A vitória militar não foi descrita através de uma fórmula ou mídia clássica, mas através da individualidade do escritor, uma aposta com dividendos potenciais enormes para a boa fama de Juliano. A enormidade de sua vitória em *Argentoratum* justificava e explicava de maneira evidente o governo do novo Augusto. As virtudes apresentadas pelo imperador nessa situação não foram apenas demonstradas sob a ótica mais benigna possível (a do próprio imperador), mas também foram relatadas em detalhe. De maneira bastante curiosa, essa peça de propaganda se diferenciava de maneira marcante, graças à sua própria natureza, dos autorretratos usuais de Juliano. O filósofo e suas virtudes (“justiça, coragem, temperança, inteligência [...] [e] a piedade” – Bouffartigue, 1978, p. 16) podiam aparecer tão somente enquanto eram permitido pelo objetivo principal da peça, a recordação textual dos feitos militares de Juliano. É marcante que, numa obra distribuída

²¹ As *siliquae* são moedas de prata finas e leves.

de maneira extensa, feita pela própria mão do imperador, o soldado obscurecia o filósofo – por necessidade.

Referências

Documentação textual

AMIANO MARCELINO. *History*. Translated by J.C. Rolfe. Cambridge: Cambridge University Press, 1939.

CORPUS INSCRIPTIONUM IMPERATORIS IULIANI. Edição e comentários de S. Conti. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2004.

EUNAPIUS. Fragmenta. In: BLOCKLEY, R. C. (ed.). *The fragmentary classicising historians of the Later Roman Empire: Eunapius, Olympiodorus, Priscus and Malchus*. Liverpool: Cairns, 1983, p. 2-127. v. 2

EUTROPIUS. *Breviarum Ab Urbe Condita*. Translated by B. Bleckmann. Leiden: Brill, 2018.

FESTUS. *The Breviarium of Festus*. Translated by J. W. Eadie. London: Athlone Press, 1967.

GRÉGOIRE DE NAZIANZE. *Discours 4-5*. Traduit par J. Bernardi. Paris: Sources Chrétiennes, 1984.

JEROME. *A Translation of Jerome's Chronicon With Historical Commentary*. Translated by M. Donalson. Leweston: Edwin Mellen, 1996.

JULIAN. *Works*. Translated by W. Wright. Cambridge: Cambridge University Press, 1913-1923.

LIBANIUS. *Selected Works*. Translated by A. Norman. Cambridge: Cambridge University Press, 1969-1992.

OPTAT DE MILÈVE. *Traité contre les Donatistes*. Traduit par M. Labrousse. Paris: Sources Chrétiennes, 1995-1996.

PHILOSTORGE. *Histoire Ecclésiastique*. Traduit par B. Bleckmann. Paris: Les Éditions du Cerf, 2013.

PROCOPIUS. *The Secret History*. Translated by H. Dewing. Cambridge: Cambridge University Press, 1935.

Obras de apoio

BARNES, T. *Ammianus Marcellinus and the representation of historical reality*. Nova York: Cornell University Press, 1998.

- BLOCKLEY, R. Constantius II and Persia. In: DEROUX, C. (ed.). *Studies in Latin Literature and Roman History*. Bruxelas: Latomus, 1989, p. 465-490.
- CARVALHO, M. A heroificação do imperador Juliano no relato de Amiano Marcelino. *Revista de História (UFOP)*, v. 6, p. 159-164, 1996.
- CARVALHO, M.; ALVES, L. Juliano César e suas missivas escritas na Gália: preparação filosófica e militar no combate do inimigo. *Phoînix*, v. 27, p. 27-53, 2021.
- CHALMERS, W. Eunapius, Ammianus Marcellinus and Zosimus on Julian's Persian Expedition. *Classical Quarterly*, v. 10, p. 152-160, 1960.
- BOUFFARTIGUE, J. Julien par Julien. In: RICHER, P. (éd.). *L'empereur Julien, de l'histoire à la légende*. Paris: Les Belles Lettres, 1978, p. 15-30.
- BURGESS, R. The Summer of Blood: The 'Great Massacre' of 337 and the promotion of the sons of Constantine. *Dumbarton Oak Papers*, v. 62, p. 5-51, 2008.
- GARCÍA-RUIZ, M. Julian's self-representation in coins and texts. In: BURGERSDIJK, D.; ROSS, A. (ed.). *Imagining emperors in the Later Roman Empire*. Leiden: Brill, 2018, p. 204-233.
- HARRIES, J. Julian the lawgiver. In: BAKER-BRIAN, N.; TOUGHER, S. (ed.). *Emperor and author: the writings of Julian the Apostate*. Swansea: The Classical Press of Wales, 2012, p. 121-136.
- HEBBLEWHITE, M. *The emperor and the army in the Later Roman Empire, 235-395*. London: Routledge, 2016.
- HUNT, D. Julian. In: CAMERON, A.; GARNSEY, P. (ed.). *The Cambridge Ancient History: the Late Empire*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, p. 44-77.
- JONES, A. *The Later Roman Empire*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1964.
- LENSKI, N. Two sieges of Amida (AD 359 and 502-503) and the experience of combat in the Late Roman Near East. In: LEWIN, A.; PELLIGRINI, P. (ed.). *The Late Roman Army in the Near East from Diocletian to the Arab Conquest*. Londres: BAR Publishing, p. 219-236, 2007.
- MATTHEWS, J. *The Roman Empire of Ammianus Marcellinus*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1989.
- OMISSI, A. *Emperors and usurpers in the Later Roman Empire: civil war, panegyric, and the construction of legitimacy*. Oxford: Oxford University Press, 2018.
- REES, R. *Layers of loyalty in Latin Panegyric: AD 289 – 307*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- ROSS, A. *Ammianus' Julian: narrative and genre in the Res Gestae*. Oxford: Oxford University Press, 2016.

- SÁNCHEZ, F. Julian and his coinage: a very Constantinian prince. In: BAKER-BRIAN, N.; TOUGHER, S. (ed.). *Emperor and author: the writings of Julian the Apostate*. Swansea: The Classical Press of Wales, 2012, p. 159-182.
- SCHNEIDER, A.; KARNAPP, W. *Die Stadtmauer von Iznik (Nicaea)*. Berlim: Archaeologisches Instituts des Deutschen Reiches, 1938.
- SYVÄNNE, I. *Military History of Late Rome, 284-361*. Barnsley: Pen and Sword Military Press, 2015.
- SZIDAT, J. Der Feldzug Constantius' II. an der mittleren Donau im Jahre 358 Chr. *Historia*, v. 21, p. 712-720, 1972.